

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NA CITÂNIA DE BRITEIROS.

COSTA, Sousa

Ano: 1936 | Número: 46

Como citar este documento:

COSTA, Sousa, Na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 46 (1-2) Jan.-Jun. 1936, p. 93-102.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Na Citânia de Briteiros

(Excerpto do Romance de Sousa Costa
«Miss Século XX») (1).

.....
Mário espera-a ao portão, fardado e equipado, o
baio a escarvar o solo no quinteiro.

— *Did you come alone?!* — clama, fingindo-se admirado pela falta do guardião, êle que já sabia que o primo Egas, agora ausente, não podia acompanhá-la no passeio.

Ela ri, depreciativa. E a desmontar, declara:

— *Ya...*

— *Yes* — emenda, com ares de mestre na lição à aluna.

— *Ya* — insiste, indiferente: — *I brought no baggage to-day.*

— *Baggage*, ou *luggage?* — torna Mário, majestático.

Entrega-lhe as rédeas do cavalo e afiança, e assegura pela quarta e última vez que não mais falará inglês com o inglesíssimo portuense. Se já sabe que na América se diz sempre *baggage*, e nunca *luggage*,

(1) O Ilustre Académico Dr. Sousa Costa, Sócio Correspondente da Soc. M. S., quis honrar as páginas desta Revista, nela colaborando com um formoso trecho do seu último romance, então ainda no prelo — «Miss Século XX». O involuntário atraso na publicação do presente fascículo da *Revista de Guimarães*, fez perder o ineditismo ao original que amavelmente nos foi enviado, visto que o romance já hoje corre impresso. Mas nem por isso desistimos de reproduzir e arquivar estas belas páginas de um dos mais admirados Mestres da nossa Literatura contemporânea, nas quais se evocam os lugares sagrados de Briteiros, que Martins Sarmiento durante tantos anos percorreu, viveu e muito amou.

¿ para quê a insistência em impôr à... americana as fórmulas britânicas? E, mudando de tema e tom:

— A Flávia? Está pronta?

— A Flávia... está na cama, com uma enxaqueca horrível. A trovoada... deitou-a por terra. E como não veio o Egas — insinua, a sondar o terreno — temos o passeio prejudicado.

— Prejudicado, porquê? A não ser que a Flávia... se encontre mal.

— Não está mal. Mas não pode ir.

— Vamos nós! — e dizendo, e avançando para a escada, a sua face e os seus olhos fulguram na satisfação do acaso que lhe proporciona o mais clamoroso protesto contra os convencionalismos do meio e os agravos do Guilherme.

— Onde vai? — pergunta Mário, ao vê-la subir os primeiros degraus.

— Vou estar uns momentos com a Flávia.

No receio de perder a hora oportuna, há tanto cobiçada, no afã de esclarecer em definitivo o ofício de assistente *in partibus* ao coração de Gina, pede-lhe que não suba. A irmã caíra em profunda sonolência, a poder de analgésicos. E' melhor deixá-la no sono reparador.

Sem mais rodeios, apossam-se dos cavalos, bifurcam-se nos selins, põem-se em marcha, os criados e serviçais da quinta boquiabertos à dupla visão terrificante — o traje masculino da cavaleira e a sortida dos cavaleiros, nem parentes, nem aderentes, nem sentinela à vista.

Metem direito à estrada de S. Lourenço de Sande, êle à esquerda dela, mudo, no anseio de falar e no temor da própria voz. E' ela quem fala, acompanhando com o corpo o embalo do andamento a passo, comentando aspectos da região, salientando o apêgo dos camponeses a certas velharias prejudiciais.

Em Sabroso, onde termina a estrada de macadame, tomam por caminho vicinal cortado na carne viva dos campos de cultura. Os campos, no perto e no longe, scintilam sob as coroas do milho, cujo perfume adoça o ar que se aspira. O caminho, em todo o curso, encosta-se às árvores afestoadas de videiras, cujos ramos se enlaçam em abóbadas que estremecem

e palpitam. Por vezes, nos pontos em que o duche das videiras abusou do sulfato, as arcarias de ramagens são túneis de bronze, dia e noite a ressoar. E a povoação, aninhada à sombra da matriz, agradece a tutela do castro romano e da capela de S. Brás dos Colheireiros, aquele e esta assentes no tópo do monte a que deu o nome.

— Bela tarde! — arrisca Mário, agora atrás de Gina, por lhe não consentir a vereda que sigam aparelhados — Mas, se estivesse o calor dos últimos dias, e ainda desta manhã, nem debaixo dêste túnel nos atreveríamos ao passeio.

— Eu, por mim, atrevia-me, da mesma forma. Estou habituada aos calores de Nova-York. Temos, muitas vezes, mais de quarenta graus centígrados.

— *Miss* Gina! — suplica, detendo a montada, na resolução de falar.

Ela, que lê a resolução da acometida no tom suplicante do vocativo, em vez de se deter, risonhamente aponta com o dedo e denuncia com entusiasmo o povoado de Briteiros e o monte de S. Romão — a descortinarem-se através das ramagens, o cabeço do monte sob o capelo branco da ermidinha do orago.

— E' que... — disfarça êle, obrigando o *baio* a adiantar-se na carreira: — E' que... nem lhe tinha perguntado ainda p'los seus pais...

— Estão bons, obrigada. E, sabe? O pai sempre vai àmanhã a Vila do Conde. A ver se a casa da avó está em condições de nos instalarmos. Ah! Espere! Isto, é que lhe não disse ainda: — A avó, ontem à noite, resolveu não ir para Vila do Conde; decidiu ficar na quinta. Diz que já não pode com os ares do mar. Por um lado... custa-me que fique. Por outro... acho talvez preferível. Porque eu não desistia do *aqua-planing*, do *bathing-suit* de hoje.

— Pobre *miss* Gina! — lamenta, entre sério e jocoso — Agora sim, é que vai morrer entaipada! Agora, é que vai ser prisioneira... do castelo feudal do preconceito, todo o Riba-Minho, de pendão e caldeira, a fazer de carcereiro!

— Engana-se. Vou libertar as prisioneiras do preconceito, incitando-as ao gôzo da liberdade em pleno mar, à luz do sol!

— Bem! E eu mantenho o meu pôsto ao lado da libertadora! Quero ser o condutor das suas forças motorizadas — o piloto do seu *motor-board*!

Torna a retardar a marcha. Entram na estrada ampla de S. Salvador de Briteiros. Outra vez ao lado dela, assesta-lhe o olhar carregado de ternura, tenteia o impulso para o assalto em forma: — *Miss* Gina! Espere! Ouça...

— Ah! Já ouvi! Olhe, a rirem! — e dizendo, e esporeando o cavalo, cita alacre bando de raparigas, na sacha do milho serôdio de restiva, acima da via ordinária, que suspendera a faina, em estrepitosa gargalhada, à aparição exótica da indumentária e estilo másculos da amazona.

— Perdão! *Miss* Gina não sabe o que eu queria dizer-lhe! — acentua, a revolta na voz e no gesto. — Entendo, porisso... que não deveria furtar-se a ouvir-me, abusando de processos pouco... pouco recomendáveis para me cortar a palavra.

— O quê? O que diz?! — clama, parando, o que o faz parar ao lado dela. — Eu nunca lhe cortei a palavra! E cortar-lhe a palavra, porquê? Para quê?!

— Não contente com isso, mete-me a ridículo!

Gina pede-lhe, a sério, que a não julgue capaz de meter a ridículo um bom amigo. E insta pela repetição do que ia a dizer, pois, se lhe cortou a palavra, não procedeu de má fé, mas inadvertidamente, crendo que lhe chamava a atenção para o rancho de raparigas a rir da cavaleira.

— Não era nada de importância — declara, em ar de represália, retomando o chouto interrompido. — Queria mostrar-lhe... um trecho de paisagem... para lhe perguntar se nem aquilo achava bonito.

— Já sabe! Acho tudo feio! Encheram-me o coração de fel. E o fel, no coração, faz-me ver tudo pelo negativo.

— Mas... no dia em que fomos a Braga, recorda-se? levou todo o caminho a cantar hinos à Natureza! O vale de Esporões, ao chegarmos ao alto da Falperra, achou-o lindo! Depois, o panorama de Braga. Maravilhoso, a oitava maravilha!

— Achei tudo maravilhoso... para os desfrutar, a você, a sua irmã, ao Egas.

— E na noite de S. Torcato? Com especialidade... desde certa hora em diante... — assinala, com vista à incorporação de Guilherme no grupo, a nota à margem farpada de insidiosas inflexões.

E como no fito de a sensibilizar pelo brilho da palavra e o acêrto da evocação, evoca a imponente, a formidável romaria de S. Torcato. A multidão sem fim, os prodígios da pirotecnicia, os deslumbramentos das iluminações. Nessa manhã mesmo, antes do almoço, estivera a reconstituír em casa, no gabinete-biblioteca, alguns dos lances mais emocionantes do torneio canoro dos cantadores — os rapazes e raparigas que cantavam ao desafio. Pergunta-lhe se se lembra da cantadeira de lenço vermelho e coração de ouro ao pescoço, olhos negros meio escondidos sob as pestanas, em repentes cáusticos a desafiar meio mundo.

— Lembro! — diz ela, interessada.

No ardor da campanha, assoma à beira do campo de batalha um rapazote magro, com o seu ramo de cravos de papel entalado na orelha. Ah! lembra-se do rapaz. Impante de basófia, atira-lhe à queimadura, em ofensiva:

És pequenina e bonita,
Redondinha como o pão,
És a pia de água benta,
Onde todos «mete» a mão.

— E' verdade! Foi essa a quadra. Boa memória! — celebra Gina, no desejo de o manter a seguro de investidas apopléticas de amor.

— Fixei também a resposta dela. Lembra-se da resposta? Tiro superior ao da ofensiva:

Sou a pia de água benta,
Não me desprezo de o ser,
E tu és o bebedeiro,
Onde as vacas vão beber.

Relembra o estrépito da ovação à cantadeira vitoriosa. E ao passo lento das montadas, no régimen de rédeas soltas, a evocação brota-lhe da bôca e dos

olhos num crescendo fácil de fluido emocional, afagada pelo acolhimento da auditora. Nunca se sentira assim loquaz e eloqüente. Passa ao comentário de certas liberdades da linguagem popular, tão frequentes e tão flagrantes nesses duelos em redondilha maior — por vezes candentes de erotismo, mas dum erotismo sem o sentido do obsceno, por ser apenas um meio de expressão de quem desconhece a polícia da língua e o defeso da sua higiene. E lamenta que certos pastores de almas pretendam interditar as romarias, sob pena de excomunhão, aos pobres camponeses, escravos sem alforria e sem outro recreio. Abatem ao activo do património regional o melhor prémio conferido ao suor dos humildes. Privam-no, simultâneamente, da mais característica das suas riquezas. E em vez de corrigir os costumes, mascaram-nos de hipocrisia.

Entram em Briteiros, tôda à borda da carreteira, a ver quem passa, abastada de frondes, vidonhos e milharais.

— A «Honra de Briteiros»! — diz Mário, pertinaz, agora a querer atraí-la pela lisonja dos sentimentos de família, em frente do velho portão brasonado: — O solar dos seus antepassados! Já pertencia aos do seu sangue nos tempos de João Lourenço da Cunha, primeiro marido da rainha D. Leonor Teles. Diz-se que viveu aqui a *Flor de Altura*, antes do divórcio, antes do casamento com o rei D. Fernando.

Ela sabe tudo isso. Ensinou-lho o primo Egas, na posse de copiosa informação sôbre o passado dos avoengos — e curvando-se, em respeitosa vénia, sempre que surgia em scena o senhor rei D. Fernando.

Uns passos além do povoado, prestes a embicarem à estrada velha que trepa às ruínas da *Citânia*, a estrada nova ainda nos trabalhos da abertura, Mário ergue os olhos ao monte, refreia o cavalo, pregoa, à laia de arauto:

— *Miss* Gina! De pé no estribo! Do alto daquelas muralhas... trinta séculos nos contemplam!

— Trinta?! O Egas disse-me vinte. E já não é conta pequena... para séculos.

Fiel ao preceito de se fazer valer pelo padrão oiro da locução de bom toque, Mário diz-lhe que lera,

dias atrás, o pontífice máximo do culto arqueológico da *Citânia*, Martins Sarmento — o grande espírito e a vontade invencível, duas potências da mesma fôrça, que realizaram o milagre da exumação, da quási ressurreição da *cividade* milenária. E o sábio, e o heróico Martins Sarmento, ao passar-lhe certidão de idade, não assenta nos vinte, antes se aproxima dos trinta séculos.

Aparta-a tanto dos nossos dias que a coloca na segunda *Idade do Ferro*. Devia ter sido edificada, e habitada, e defendida por povo pastoril e guerreiro. Mas as legiões de Roma, aí pelo século I de Cristo, trucidaram e dispersaram, se é que o não afeiçoaram à charrua e ao malho da veiga subjacente, êsse povo — que em religião professava a fisiolatria, Sol, Terra e Água por deuses tutelares, e ainda a necrolatria, a adoração dos mortos veneráveis.

A marcha atrasara-se na subida, os cavaleiros alheios à andadura das montadas sob o efeito da preleção, as montadas a tropeçarem nas pedras do caminho, êste a enroscar-se, aos torcicolos, na espádua do môrro glauco.

O sol vai a meia rota, entre zenite e poente, quando atingem o planalto — ora cerrado nos castelos de nuvens que se alteiam nos espaços, ora à espreita e no disparo de raios dentre ameias e barbacãs.

Deixam os cavalos presos fora da primeira cintura de muralha. Pisam as primeiras ruas da *cividade*. E Gina, alumuada à luz da lição evocativa, lição eloqüente, sem pedantismo, impressiva, sem redundâncias, percorre, uma por uma, as praças e artérias da *Citânia*. Detém-se em frente das casas reconstruídas, na modéstia cilíndrica de guaritas. Dobra-se sôbre o vazio das sepulturas cavadas na rocha. Observa os caleiros que deram curso às águas de chuvas e fontes. Estremece, por vezes, na ilusão de que ouve o gorgolejo dessas fontes, os passos dos pastores e seus rebanhos, a palpitação dos teares, sob o côlmo dos tetos, a tecerem o linho e o esparto dos usos aborígenes.

Percorrida, reconstituída a remota *cividade*, os dois aproximam-se da aresta da muralha que domina,

em baixo, o risonho vale do Ave — imenso corredor, de Verão e Inverno com passadeira de fêlpo verde, conservada por esmêro de outeiros, montes e serranias seus senhorios, o rio a gozá-lo obrigado aos benfeitores.

— *Miss Gina!* — reincide, agora decidido a jogar a última cartada. — Tenha paciência. Há-de ouvir-me! Preciso que me escute!

— Fale... — condescende, sentando-se numa pedra, acendendo o cigarro, olhando a veiga.

Ele senta-se junto dela. Aceita um cigarro. Fala:

— Há dois meses que me conservo na quinta, por sua causa, esquecido da minha casa do Pôrto.

— Obrigada. Realmente, se não fôsse você e sua irmã, eu já tinha dado em doida. Vocês teem sido... os meus melhores amigos.

— Mas, *miss Gina*, preciso dizer-lhe tudo, preciso definir situações. Nunca me deixou falar à vontade. Deixe-me dizer-lhe o que é preciso, neste momento, neste local: — quero ser mais do que seu amigo. Pretendo ser o seu... noivo, o seu marido.

Ela olha-o, sem desabrimento, num mixto de affecto e piedade. E êle, a interpretar o affecto por condescendência.

— Amo-a, *Gina!* Amo-a, desde o dia em que a vi!

— Devia ir-me embora, seguir para a quinta, e nunca mais procurar a sua companhia.

— *Miss Gina!* — implora, angustiosamente.

— Eu ouvi-o. Ouça-me também. Concordo. Era preciso que isto se desse, para nos entendermos. Porisso o ouvi. E digo-lhe, com sinceridade: — não posso ser senão... sua amiga.

— *Miss Gina!*

— Se insiste... vou-me embora! E nunca mais!

Encara-o, severamente. Decisiva, inexpugnável, remata, amargurada: — Você faz-me compreender os pais e avós portugueses. Eles teem razão. Os rapazes, aqui, não sabem ser para as raparigas que os admitem à sua estima... os amigos, os camaradas. Querem ser logo os namorados, os senhores, os déspotas!

Em balbucios de aturdimento pede que lhe perdoe. Implora que continue a ser sua amiga. Jura que não mais deixará de ser o amigo e o camarada.

— *All righth!* — assina, oferecendo-lhe a mão. — Está perdoado! E para continuar a ser sua verdadeira amiga, exijo apenas que você, daqui em diante, seja menos português e mais amigo!

Mário sela o pacto firmado com um apêto de mão. Mas fica-se entorpecido, o olhar vago na vastidão da veiga luxuriante, que não fixa, que não vê, como na derrota das potências da alma.

E ela, para o sacudir, para o galvanizar, sciente das suas reacções indomáveis tôdas as vezes que infringe os cânones morfológicos do inglês europeu, abarca o vale com o gesto, indaga:

— *Ain't it fertile?*

— Perdão — emenda Mário, sensível à ferroada: — *Is it not fertile?*

— Aí volta você com as caturrices de purista! — replica, no fito de o captar. — Já lhe disse cem vezes. Torno a dizer-lho: — o inglês da América, quando se afasta do inglês da Inglaterra, procura ser mais simples, mais conciso.

— Sem siso, é que é!

Ela finge zangar-se. E' isto! O europeu sempre em guerra com o americano! O ontem a querer sobrepor-se ao hoje, ao amanhã! Ai de nós se a descendência de Caím se não tivesse sublevado contra a fôlha de parra e os guinchos dos patriarcas! — E de novo a estender o braço para a imensidade verdejante, no anseio de plena reconciliação: — Isto deve ser fertilíssimo, na verdade! E por êstes sítios só encontrei um panorama mais belo: o da Penha! — E a afagá-lo com a palavra, com o olhar: — Aposto que você não sabe o nome das povoações que se vêem por êsse vale fora!

O indicador sujeito à obrigação, a voz mal segura, êle nomeia e sinaliza os que conhece, alguns dos que prosperam regados pelo Ave, a serpe viva que vem a meio da veiga; alguns dos que crescem junto da estrada, a serpe morta que ladeia o curso do rio: — Gondomar, lá além, quási nas faldas da Cabreira, quási no berço do Ave. S. Bento de Donim, à es-

querda, e a pequena distância do andarilho; ao fundo do monte, S. Salvador de Briteiros; logo adiante, a ouvir as águas cristalinas, S.^{to} Estêvão de Briteiros. Depois S.^{ta} Maria de Souto...

— Uma ladaíinha. S. Bento, S.^{to} Estêvão, S.^{ta} Maria...

— O Minho... é todo êle um santuário. Os montes são os altares mores, cada um com seu oratório e seu padroeiro. Os povoados, cada um à sombra da sua igreja e do seu orago, fazem de altares, de naves e claustros.

Sentindo-o humanizado, vê o relógio, levanta-se, propõe, no desígnio de consolidar as pazes assignadas:

— Quatro e meia. E se fôssemos tomar chá a Braga? Estamos lá às cinco e pouco.

— Os dois?!

— *Ya.*

— *Yes!*

— *Yes...* Os dois. Precisamos civilizar esta gente. Mostrar a fidalgos e plebeus que é possível, até em Portugal, a intimidade sem compromissos entre rapaz e rapariga. Colhemos outra vez o espanto da *Arcada* na presença das minhas... *bloomers*, e das minhas botas de montar. E ouvimos o rapazio a gritar, como no outro dia: — Aí vem a americana, a *fantocha!*...

— Pronto — condescende, por condescender, sem ardor nem apetência.